

COMO TIRAR 10 NA AVALIAÇÃO DOCENTE

CARLOS ALBERTO DE ALMEIDA VILELA

Docente do Curso de Engenharia Mecânica da Universidade Federal de Goiás - UF, carlosav@ufg.br

ANDREIA AOYAGUI NASCIMENTO

Docente do Curso de Engenharia Mecânica da Universidade Federal de Goiás - UF, aanascimento@ufg.br

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise de vários fatores que afetam a avaliação docente bem como os resultados de uma pesquisa realizada entre os anos de 2016 e 2019. Sabe-se que muitos destes fatores não são de controle do docente, mas nem por isso eles deixam de ser contabilizados. Considerando este fato, faz o seguinte questionamento: será que existe uma forma de minimizar os impactos dos fatores externos e ainda usá-los a favor do docente? O objetivo da pesquisa foi observar o efeito que um pirulito, daí o termo *Efeito Lolipop*, pode ter na avaliação docente, e a partir dos resultados, incluí-lo no rol de fatores que promovem positivamente os resultados em uma avaliação docente.

Palavras-chave: Avaliação docente, Qualidade do ensino, Avaliação institucional.

INTRODUÇÃO

Iniciaremos nossa discussão com um pequeno conto. Certa vez um docente foi conversar com seu coordenador para expor-lhe o seu problema. Acumulando dois semestres seguidos anteriores, suas notas nas avaliações haviam sido abaixo do mínimo exigido pela instituição e em uma terceira ocorrência seguida, ele poderia ser dispensado dos seus serviços. Ele conversa com o coordenador, e no final lhe diz: neste semestre vou aliviar as turmas. No final do semestre corrente, de fato as notas das turmas foram maiores e sua nota também foi acima do mínimo exigido pela instituição, ou seja, ele salvou seu trabalho.

Esta é uma história que se repete constantemente nas instituições de ensino no Brasil. Alguma punição é atribuída ao docente que não se “enquadra” nas expectativas da instituição, seja uma demissão no caso das privadas ou a não progressão / promoção no caso das públicas.

A pergunta que devemos responder é: se um docente é punido por não se adequar aos padrões da instituição, se ele buscar artificialmente uma adequação de comportamento para obter boas avaliações ele deverá ser punido também por esta atitude? Como exigir que um docente não mude seus conceitos, modo de ser, agir, pensar, etc, para conseguir obter melhores notas?

Carrell e West (2010) questionam que o professor pode aumentar as notas dos discentes ou diminuir o conteúdo das disciplinas com o intuito de melhorar sua avaliação e baseado nisto, surge a dúvida de como garantir o aprendizado. Este fenômeno, também conhecido como *Grade Inflation* (Inflação da Nota), é citado por Marsh (1984), Johnson (2003) e Braga, Paccagnella e Pelizzari (2014).

A avaliação institucional há anos tem sido utilizada como ferramenta de promoção da qualidade de ensino, e um dos aspectos por ela abordada é a avaliação docente. Aspecto bastante controverso, que pode-se encontrar com bastante facilidade pesquisadores a favor e contra o procedimento. Talvez a intrínseca subjetividade de alguns temas abordados, e o fato de que a “opinião” do discente é considerada como sendo o retrato fidedigno do que acontece dentro da sala de aula, seja a raiz de toda a discussão.

É consenso que em pesquisas desta natureza, o discente deveria responder ao questionário de forma ética e sem interferências, mas não é isso que muitas vezes acontece, logo, como garantir que as emoções sejam colocadas

de lado no momento da avaliação? Esta problemática fragiliza uma parte do processo, já que o resultado pode sofrer interferências.

Em instituições públicas o mau desempenho de um professor pode significar a não progressão em sua carreira profissional e em instituições privadas pode significar a sua dispensa do quadro de funcionários. Em face disso, podemos penalizar o professor por querer melhorar ou manter seu status na instituição? Podemos forçar o professor a ser correto e exigir de sua turma a dedicação necessária ao estudo sendo que isso pode lhe custar o seu emprego?

É inegável a existência da relação entre o docente e o discente e as relações com a avaliação docente, seja ela positiva ou negativa. Paixão e Rabelo (2018) apresentam uma revisão de diversos estudos onde fatores como gênero, idade, experiência do docente, notas dos discentes podem afetar a avaliação docente.

Os resultados destas avaliações, também têm sido utilizados pelas instituições de ensino como ferramenta de medição da qualidade do seu corpo docente, e por consequência fundamentar as decisões de manutenção ou não de seus quadros funcionais.

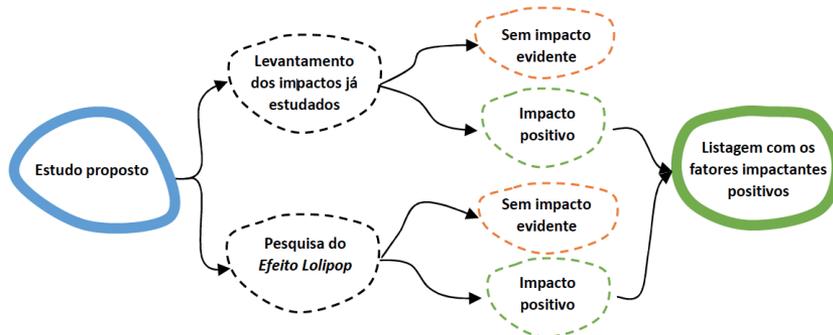
Com base nos diversos aspectos que podem influenciar o resultado da avaliação e impactar na vida do docente, este trabalho apresenta uma discussão sobre estes pontos e busca delinear formas de como utilizá-los em benefício do docente.

A discussão proposta neste trabalho não aborda a questão ética que certamente surgirá decorrente das ações de docentes, mas sim apresentar fatos que podem influenciar de forma direta ou indireta os resultados de uma avaliação docente.

METODOLOGIA

O trabalho se desenvolveu em duas etapas, sendo que a primeira consiste em um breve levantamento bibliográfico onde são apresentados resultados de pesquisas que mostram onde a influência de fatores externos a avaliação docente pôde ser observada, e a segunda etapa consiste na apresentação dos resultados obtidos pelos autores na observação do *Efeito Lolipop*. A Figura 1 mostra a sequência do estudo desenvolvido onde o resultado final é um grupo de ações positivas onde o docente poderá trabalhar para conseguir melhorar sua avaliação.

Figura 1. Linha de desenvolvimento do estudo.



O *Efeito Lolipop* foi um termo criado pelos autores para designar a influência de agentes externos a avaliação docente e consiste na premiação do discente com um doce, tal como uma bala ou pirulito, em todas as ocasiões em que havia uma atividade em sala de aula, não diferenciando o fato de o aluno ter acertado ou não a atividade, mas somente o fato de ele ter participado. Desta forma procurou-se promover um incentivo extra para o desenvolvimento e comprometimento do discente nas disciplinas.

A Tabela 1 mostra a quantidade e a distribuição dos discentes participantes do estudo ao longo dos semestres letivos. Todas as turmas estudadas foram de responsabilidade (disciplinas ministradas) de apenas um docente.

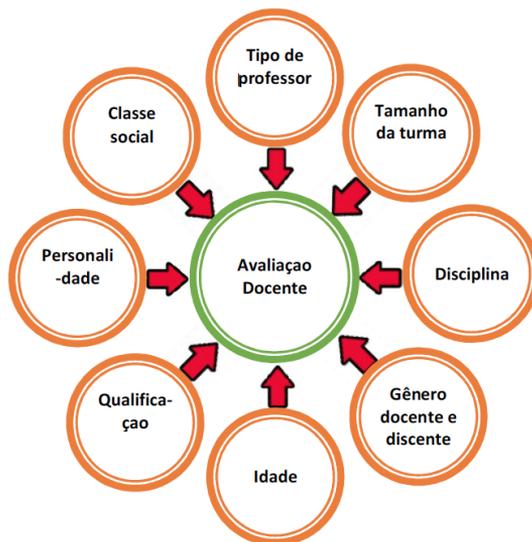
Tabela 1. Distribuição do quantitativo de discentes participantes

Semestre letivo	No de turmas	No de discentes
2016-1S	3	28
2016-2S	4	61
2017-1S	5	50
2017-2S	5	74
2018-1S	7	69
2018-2S	3	34
2019-1S	4	45
2019-2S	1	18
Total geral	32	379

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A influência de aspectos externos na avaliação docente é um tema amplamente abordado em diversos trabalhos científicos desde a década de 50. Bendig (1952), Russell e Bendig (1953) já discutiram a respeito da influência da nota do aluno na avaliação docente e não encontraram nenhuma relação comprovada. Della Pina e Gage (1955) estudaram a relação da personalidade do docente no processo de avaliação onde constataram que podem haver discentes que preferem docentes mais rígidos e discentes que preferem docentes mais flexíveis. A figura 2 mostra a influência de alguns fatores na avaliação docente.

Figura 2. Fatores que influenciam a Avaliação Docente



O trabalho de Paixão e Rabelo (2018) apresenta uma discussão a respeito de vários fatores que podem influenciar a avaliação docente. Trabalhos publicados desde a década de 60 estão entre os estudos e demonstram que o tema é bastante controverso tanto em relação a sua natureza quanto aos resultados obtidos. A Tabela 2 apresenta uma lista de fatores de influência na avaliação docente e de alguns autores que estudaram o tema.

Tabela 2. Quadro de relações de interferências

Tipo de relação		Referência
Relação positiva e significativa	Real aprendizado	COHEN (1981), GREENWALD e GILMORE (1998), MOREIRA (1981), MARSH (1994; 2007)
	Pacto de leniência ou mediocridade	MOREIRA (1988), CLAYSON (2009), KRAUTMANN e SANDER (1999), CARREL e WEST (2010), BRAGA, PACCOGNELLA e PELLIZZARI (2014)
Relação não significativa	Correlação positiva e não significativa	MARSH e ROCHE (1994), JOHNSON (2003), WEINBERG, FLEISHER e HASHIMOTO (2009), BENTON e CASHIN (2012)
	Correlação negativa e não significativa	VOECKS e FRENCH (1960), RAYDER (1968), SEIVER (1983), DECANIO (1986)
Relação com outras variáveis	Gênero	KRAUTMANN e SANDER (1999), CENTRA e GAUBATZ (2000), MACNELL, DRISCOLL e HUNT (2014), BORING (2015), BORING, OTOBONI e STARK (2016)
	Diferenças individuais dos discentes	MARSH e ROCHE (1994), MARSH e DUNKIN (1992)
	Idade	MOREIRA (1988), BENTON e CASHIN (2012)
	Nível de escolaridade	CARREL e WEST (2010)
	Experiência do docente	FELDMAN (1983), RENAUD e MURRAY (1996)
Relação com outras variáveis	Tamanho da classe	MARSH (1980), SHINGLES (1977)
	Personalidade do docente	WEAVER (1960), ISAACSON, MCKECHIE E MILHOLLAND (1963), HILDEBRAND, WILSON E DIENST (1971)

A seguir serão apresentados alguns tópicos e sua relação com as notas dos docentes. É importante lembrar que a percepção da influência positiva ou negativa dos tópicos não significa um efeito de relação causal direta, ou seja, se o docente realizar tal ação, por consequência sua nota será afetada.

Nota aluno x Nota professor, *Moreira (1980)*

“Parece ser um consenso, mesmo que ainda não seja baseada em resultado de uma pesquisa prévia, que na percepção do docente existe sim uma relação entre as notas dos discentes nas avaliações e as notas atribuídas aos docentes.

Vários trabalhos que apontam uma desvinculação entre as notas dos discentes obtidas nas avaliações rotineiras dentro da sala de aula e as notas atribuídas aos docentes nos momentos de avaliação institucional, entretanto em um número muito maior pode-se encontrar trabalhos que apontam para

o sentido contrario, onde realmente esta relação está clara e pode ser verificada na análise estatística dos dados da avaliação institucional.”

Tipo de professor, Moreira (1980)

“O professor Amigo é aquele que é o amigo do aluno e trabalha muito a relação sócio emocional entre eles.

O professor Informação é aquele que se mantém impessoal nesta relação, mas mantendo o respeito e uma boa relação interpessoal.

As conclusões mais significativas foram:

- Alunos do sexo feminino, de modo geral, **são** inclinados a preferir professores tipo A, mais fortemente que alunos do sexo masculino.
- A faixa etária influenciava no padrão de professor preferido; para alunos até 30 anos de idade, a preferência recaía sobre professores tipo A. Para alunos acima de 30 anos, a preferência era igualmente dividida entre A e B.
- Não havia diferença significativa entre as preferências femininas, qualquer que fosse a faixa etária, de forma consistente, professores do tipo A eram preferidos.
- Havia diferenças significativas entre as preferências de professores nas faixas etárias de alunos do sexo masculino, exatamente por causa da faixa etária acima de 30 anos.”

Tamanho da turma

Poucos trabalhos relacionam esta variável com a nota do docente e quando o fazem indicam que o tamanho da turma e inversamente proporcional a nota do docente. Turmas maiores tendem a atribuir notas mais baixas e vice-versa.

Personalidade do docente, Paixão e Rabelo (2018)

“Pesquisas mostram a relação entre um ambiente descontraído dentro de sala de aula e as notas dos docentes. Os discentes tendem a avaliar de forma positiva o docente que mantém um clima descontraído dentro de sala de aula e de forma negativa aquele que mesmo tendo outras habilidades, não apresenta simpatia.”

Influência da disciplina, Paixão e Rabelo (2018)

“Trabalhos indicam que o interesse prévio do aluno pelo curso / disciplina tem uma grande influência na avaliação do docente. O discente tende a avaliar melhor os docentes das disciplinas que lhe trazem mais interesse.”

Com base na análise dos trabalhos apresentados por outros autores, foi elaborado um quadro de ações onde as influências positivas são evidenciadas.

Tabela 3. Ações para alcançar uma boa nota

Item	Ação
Nota do discente	Atribua notas altas aos discentes nas avaliações. Isto pode ser obtido através de uma avaliação “mais fácil” ou de uma correção “não muito exigente”.
Turma predominantemente feminina	Seja um professor Tipo Amigo.
Turma abaixo de 30 anos	Seja um professor Tipo Amigo.
Turma predominantemente masculina acima de 30 anos	Seja um professor Tipo Informação.
Tamanho das turmas	Preferência por turmas menores.
Personalidade	Seja um profissional simpático.
Disciplina	Preferência por disciplinas “mais fáceis”, que despertam o interesse dos discentes. Não escolha disciplinas que por natureza, exigem um grau maior de comprometimento e estudo do discente tais como Resistência dos Materiais, Termodinâmica, Cálculo, Transferência de Calor, Sistemas Lineares, etc.
Gênero do docente	Discentes femininas tendem a avaliar melhor docentes femininas. Se você for do gênero feminino, dê preferência a turmas predominantemente femininas. Discentes masculinos tendem a avaliar melhor docentes masculinos.
Qualificação docente	Docentes menos qualificados são melhores avaliados em disciplinas regulares e docentes mais qualificados são melhores avaliados em disciplinas optativas. Se você for doutor, dê preferência por disciplinas optativas.

A segunda etapa do trabalho que consistiu na observação do *Efeito Lollipop*, ocorreu entre os anos de 2016 a 2019, em disciplinas do curso de Engenharia Mecânica da Universidade Federal de Goiás. A caracterização do universo estudado está apresentado na Tabela 4.

Tabela 4. Caracterização do universo de discentes no estudo

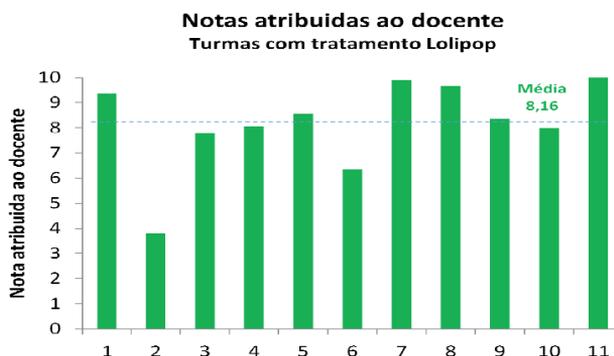
Descrição	Quantidade
Total de turmas observadas	32
Turmas com tratamento padrão	21
Turmas com tratamento Lolipop	11
Total de discentes observados	379
Total de discentes: tratamento padrão	235
Total de discentes: tratamento Lolipop	144

Após a consolidação dos dados pode-se observar os seguintes resultados. Os gráficos das figuras 3 e 4 apresentam as notas do docente em cada disciplina e a média aritmética obtida no período considerado.

Figura 3. Média das notas do docente. Turmas padrão



Figura 4. Média das notas do docente. Turmas Lolipop



Observa-se que em ambos os casos houve certa oscilação nas notas de cada turma, mas considerando a média das turmas constata-se uma leve melhora na média obtida nas turmas onde foi aplicado o Lolipop. Apesar

de a diferença ser relativamente pequena, em torno de 8,7% maior para o segundo caso, isto será considerado como um indício de influência externa na avaliação do docente.

A tabela 5 apresenta alguns parâmetros importantes encontrados a partir da análise estatística dos dados levantados no estudo.

Tabela 5. Resultados estatísticos

	Turma Tradicional	Turma Lolipop
Média	7,45	8,16
Valor Máximo	10,00	10,00
Valor Mínimo	4,56	3,78
Desvio Padrão	1,41	1,81
Mediana	7,69	8,37

Pontos de destaque na tabela 5.

- A média aritmética da turma Lolipop foi maior que a da turma Tradicional.
- Em ambas as turmas o docente obteve notas máximas iguais a 10,00. Isto significa que para os dois casos, haviam discentes presentes nas turmas que consideraram o docente um ótimo profissional.
- O valor mínimo foi menor na turma Lolipop, o que indica que ao menos um discente atribuiu uma nota baixa ao docente.
- O desvio padrão foi maior na turma Lolipop. Sabe-se que este indicador representa a dispersão dos valores dentro de um conjunto, ou seja, o quanto a percepção da turma em relação ao docente é dispersa. Como na turma Tradicional o valor foi menor, significa que a percepção da turma é mais homogênea.
- A mediana, que significa o valor que separa o conjunto de dados em duas metades, foi maior para a turma Lolipop, o que indica que metade da turma atribuiu nota maior do que metade da turma Tradicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já que é evidente a influência de vários fatores, alguns relacionados com a prática do ensino tais como didática, conhecimento do tema, etc e outros que não tem nenhuma relação com o assunto tais como gênero, empatia, interesse do aluno pelo curso e disciplina, etc, porque o professor

não pode usar estas informações para obter melhores notas na avaliação docente? Já que não é comum o uso de filtros para corrigir tais influências estranhas ao trabalho docente, porque o professor não pode usar de meios para evitar que tais influências acabem permeando sua avaliação?

O perigo do uso desta prática é que de forma consciente ou inconsciente acabarmos inflacionando as notas e esquecermos de observar a qualidade do ensino.

REFERÊNCIAS

BENDIG, A. W. A Preliminary Study of the Effect of Academic Level, Sex and Course Variables on Student Ratings of Psychology Instructors, **Journal of Psychology**, 34, p. 2-126, 1952.

BRAGA, M.; PACCAGNELLA, M.; PELLIZZARI, M.. Evaluating Students' Evaluations of Professors. **Economics of Education Review**, Amsterdam, Elsevier, n. 41, p. 71-88, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.econedurev.2014.04.002>. Acesso em: 01 jul. 2018.

CARRELL, Scott; WEST, James. Does Professor Quality Matter? Evidence from Random Assignment of Students to Professors. **Journal of Political Economy**, Chicago, v. 118, n. 3, p. 409-432, 2010.

DELLA PINA, G. M.; CAGE, N. L. Pupils Values and the Validity of the Minnesota Teacher Attitude Inventory, **The Journal of Educational Psychology**, 46(3), p. 167-178, 1955.

HILDEBRAND, N.; WILSON, R. C.; DIENST, E. R. Evaluating University Teaching. **Center for Research and Development in Higher Education – University of California, Berkeley**, 1971.

ISAACSON, R. L.; McKEACHIE, W.; MILHOLLAND, J. E. Correlation of Teacher Personality Variables and Student Ratings, **Journal of Educational Psychology**, 54(2), p. 110-117, 1963.

JOHNSON, Valen. **Grade Inflation: A Crisis in College Education**. New York: Springer-Verlag, 2003.

MARSH, H. W. The Influence of Student, Course and Instructor Characteristics in Evaluations of University Teaching, **American Educational Research Journal**, 17(1), p. 219-237, 1980.

MARSH, Herbert. Student's Evaluations of University Teaching: Dimensionality, Reliability, Validity, Potential Biases, and Utility. **Journal of Educational Psychology**, Washington, v. 76, n. 5, p 707-754, 1984.

MOREIRA, D. A.; Fatores Influentes na Avaliação do Professor pelo Aluno: Uma Revisão, Faculdade de Economia – Universidade de São Paulo, p. 73-87, 1980.

PAIXAO, R. B.; RABELO, A. A. L. Desempenho Acadêmico Discente e sua Relação com a Avaliação Docente: Proposta de Framework Teórico. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 56, n. 50, p. 140-162, out./dez, 2018.

RUSSEL, H. E.; BENDIG, A.W. Investigation of the Relations of Student Ratings of Psychology Instructors to Their Course Achievement When Academic Aptitude is Controlled, **Educational and Psychological Measurement**, 13(4), p. 626-635, 1953.

SHINGLES, R.D. Faculty Ratings: Procedures for Interpreting Students Evaluations, **American Educational Research Journal**, 14(4), p. 459-470, 1977.

WEAVER, C. H. Instructor Rating by College Students, **Journal of Educational Psychology**, 51(1), p. 21-25, 1960.